O ESPAÇO DA LITERATURA JUVENIL NO PPC DE LETRAS DA UFPB: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS INOVAÇÕES DO FAZER LITERÁRIO

Israela Rana Araújo Lacerda
Letras Língua Portuguesa – UFPB
israela.rana@academico.ufpb.br

Tainá Farias dos Santos
Letras Língua Portuguesa – UFPB
tsf@academico.ufpb.br

Daniela Maria Segabinazi
DLCV/PPGL/UFPB
daniela.segabinazi@academico.ufpb.br

Introdução:

O conceito de juvenil, se escutarmos popularmente em rodas de conversas, debates e diálogos dos mais diversos, sempre acaba em algo destinado aos jovens, ou que está entre a infância e a adultez. Assim, o próprio conceito, ainda persiste amplo e vago e desse arquétipo surgem diversas outras áreas, como por exemplo, a própria Literatura Juvenil, que ainda é tardiamente estudada nos meios acadêmicos, embora tenha e venha ganhando seu espaço.

A partir desses diálogos, embora não se tenha concretude do que seria Literatura Juvenil, parte-se do pressuposto de que é uma produção literária que se destina a falar com, sobre e dos jovens, isto é, é um tipo específico de expressão literária, constituído por obras de ficção, escritas geralmente – ou não – por adultos e destinadas a um público juvenil, por isso, baseadas em contextos determinados, com conteúdos temáticos do dia a dia desse público alvo. Luft (2010) afirma que a literatura juvenil é aquela que tem um teor mais elaborativo na ficção no que se refere a construir um enredo mais complexo, com personagens jovens, seus conflitos, seu real cotidiano e suas subjetividades.

Sendo tão vasta e simultaneamente tortuosa, a Literatura Juvenil graças aos estudos acadêmicos, têm conseguido um espaço de fala, principalmente nos cursos de licenciaturas em Letras, visto que os futuros professores precisam ensinar o que se relaciona com a vivência juvenil do seu alunado, então, é para isso, também, que essa literatura precisa ser contemplada nos currículos superiores. Com base nessa problemática, a Universidade Federal da Paraíba, mediante à criação do seu novo Projeto Político Pedagógico de Curso (PPC), homologado em 2019, atendeu esse importante demanda do ensino de Literatura Juvenil como disciplina obrigatória da sua grade curricular, possibilitando aos discentes de graduação uma ampliação e conhecimento dessas obras, tornando-se não só professores dela, mas também leitores.

Dessa maneira, este trabalho visa, através de um relato de experiência da primeira turma de Literatura Juvenil do semestre 2021.2, discutir a relevância da literatura juvenil no curso de graduação em Letras e as contribuições do novo currículo para a formação do professor de literatura, sobretudo, das literaturas e leituras juvenis.

Desse modo, o trabalho busca discutir alguns dos principais pontos que circundam a Literatura Juvenil e o seu ensino, fazendo essa interlocução com a proposta do novo PPC de Letras da UFPB (2019).

Além do mais, pretende relatar a vivência da turma pioneira da disciplina de Literatura Juvenil e refletir sobre os resultados e impactos dessa experiência na formação de futuros professores e no irremediável acesso à leitura literária de obras juvenis. A partir de uma metodologia qualitativa e de campo, mediante o olhar testemunhal que foi ao encontro da prática dessa literatura, nos baseamos em Zilberman (2005) Petit (2009; 2019), Luft (2010) entre outros, para discutir o ensino de literatura, sua recepção e suas conceituações e contribuições para com a ficção juvenil e seus leitores.

Literatura juvenil: algumas reflexões…

A literatura juvenil foi consolidada no Brasil a partir da década de 1970/1980. Nesse período, houve uma abordagem à expansão da literatura, em que após o *boom* da literatura infantojuvenil, agora começavam a representar tendências do início da década de 1980/90, tematizando o que a estudiosa Luft (2010) chama:

> Da consolidação de um quarto ciclo, contemporâneo à época do "milagre econômico", marcado pelo estreitamento da dependência brasileira ao mundo ocidental capitalista. É também nessa época que começa a florescer uma vasta produção dirigida aos jovens, além de uma vertente da crítica destinada a estudar os novos títulos (LUFT, 2010, p. 113)

Dada a expansão do mercado jovem e a bem-sucedida importação de produtos da indústria cultural, o período em questão também se caracteriza pelo aumento de gêneros e temas como a ficção científica e a narrativa de suspense. Ainda, configurou-se o que a autora intitulou de revisão do mundo fantástico tradicional – isto é, contos de fadas e outros gêneros antes produzidos – por meio da publicação de irreverentes e irônicas dessas narrativas. Também se enxergou a incorporação da oralidade, a ruptura com a poética tradicional e a incorporação de procedimentos narrativos como: metalinguagem e a intertextualidade.

Nessa época que autores como Ruth Rocha (1931), Lygia Bojunga (1932), Ziraldo (1932), Marina Colasanti (1938), Ana Maria Machado (1942), Bartolomeu Campos de Queirós (1944) e Sérgio Capparelli (1947) alavancaram a produção que se denominou, segundo Luft (2010), como mais complexa, com o enredo mais elaborado, presença de metáforas, interpretações além do texto e um cotidiano mais hostil, já enveredando a realidade de um público mais jovem.

> As inovações delineadas demandam maior complexidade dos elementos que configuram o discurso narrativo, o qual se afasta dos pressupostos básicos "de uma estrutura simples, um ponto de vista onisciente, uma voz narrativa ulterior e um desenvolvimento cronológico linear" (id., p. 176). Constatam-se inovações situadas nos temas tratados, no tipo de imaginário, dos personagens, no cenário narrativo ou na incorporação de recursos não-verbais. (LUFT, 2010, p. 115)

Surgem narrativas, portanto, dispostas a encarar os problemas e não a ocultá-los. Segundo Colomer (2003) a narrativa para adolescentes é a mais inovadora: "o desenvolvimento recente da literatura juvenil, assim como seu propósito de atrair a atenção de um público adolescente, conduziu, sem dúvida, à introdução de temas com pouca ou nenhuma tradição na ficção infantil e juvenil" (COLOMER, 2003, p. 282). Essa que tematiza os jovens, seu cotidiano, seus conflitos e relações com o mundo. Ramos e Javas (2019) tematizam a literatura juvenil como sendo uma corrente literária preferencialmente destinada aos jovens, pois esses são seus personagens, leitores e foco central de produção, criação e publicação.

Além disso, segundo Segabinazi e Rodrigues (2021), ela se distancia do que chamamos de literatura infantil, pois possui um público alvo, o leitor jovem, como também, embora esteja vinculada aos ambientes escolares, ela também de veicula em espaços editoriais e característicos de um público juvenil, haja vista que essa literatura, além de adentrar as salas de aulas, também permeia as casas dos jovens leitores, que a adquire pelo seu hábito de ler tais temáticas, por se identificarem com elas de acordo com sua maturidade leitora e, sobretudo, como um jovem em formação, utilizando das narrativas para, por exemplo, responder questões antes não respondidas. Seria o que Carvalho e Dias (2019) citam:

> A literatura juvenil é uma esfera da literatura que se destina à produção de obras que possui um leitor específico designado por juvenil, [...] é o indivíduo que se situa na transição entre a criança e o adulto, considerado por vezes em processo de maturidade. (DIAS; CARVALHO, 2019, p. 258)

Feito um panorama geral, abordando alguns dos principais pontos dessa literatura, é importante que saibamos, como futuros professores, ou também como leitores, a sua existência autônoma e significativa dentro do universo literário. Além de identificarmos as características dessas obras e, o mais importante, dos leitores que as leem. Para isso, é também central pensar em como esta literatura se vincula ao ensino, especificamente, como está disposta e acessada nos currículos das universidades que formam professores do ensino básico/superior. É sobre isso que abordaremos no próximo ponto.

A literatura juvenil e o ppc de letras da ufpb

A literatura juvenil, nos currículos pedagógicos das instituições superiores, ainda é vista como algo secundário, um componente optativo, infelizmente. Embora muitos estudiosos, escritores, professores de universidades e os próprios estudantes procurem, cada dia mais, se apropriarem da leitura dessas obras literárias, há uma visão equivocada de que é algo que "pode ser encaixado" em outro tipo de literatura e de menor qualidade, não lhe fornecendo espaço próprio. Isso é justificado pelo fato de insistentemente a literatura juvenil sempre vir atrelada a literatura infantil, logo, denominando-se como a disciplina de "Literatura infanto-juvenil", mas também vir associada a uma literatura paradidática ou mesmo *best-sellers*.

Sobre a limitação exercida pela junção de duas literaturas em uma só, como disciplina curricular, é interessante observar que a Literatura Infantil e Juvenil são dois

espaços que oferecem uma gama de possibilidades, vivências e significados para públicos distintos, as crianças e, por conseguinte, os jovens; assim associar tais literaturas seria perder um pouco desses lugares, dessas narrativas e poesia, com a preocupação curricular de "fornecer o conhecimento necessário dentro de um pequeno espaço de tempo semestral".

Partindo dessas problematizações, mas não somente essa, sobre a necessidade de separação dessas duas áreas para ampliação e contato do estudante de graduação com diversas produções literárias para jovens, surgiu o inquietamento para uma mudança curricular no Projeto Político Pedagógico da Universidade Federal da Paraíba (PPC/UFPB); para atender às novas demandas do ensino e formação de professores em um curso de Licenciatura em Letras Português, sobretudo, no que concerne ao ensino de literatura em sala de aula e a formação de professores leitores e conhecedores de várias literaturas.

Até o semestre de 2018.2, a UFPB adotava o seu antigo currículo, instituído em 2006, no qual havia a disciplina Literatura infanto-juvenil, de caráter obrigatório. Com a necessidade e obrigatoriedade da mudança curricular dos cursos de graduação, demandada pela Resolução nº 02/2015, de 01 de julho de 2015, a área de Literatura incorporou novas perspectivas de ensino de literatura para a formação de professores e alterou significativamente seus componentes curriculares. Essa mudança, em parte, foi pautada pelas orientações e reflexões apresentadas no capítulo "A universidade brasileira e o ensino das literaturas de língua portuguesa" (2005), da Professora e Pesquisadora Regina Zilberman, que afirma como essencial ensinar literaturas mediante temas caracterizadores considerando o contato com as mais diversas variedades literárias, autores, épocas, estilos e nacionalidades. Assim, em uma construção coletiva da área de Literatura e Língua Portuguesa, em 2019 o curso de Letras da UFPB passa a um novo Projeto Político Pedagógico de Curso (PPC), com sua primeira turma ainda no semestre de 2019.1. Nesse sentido, enfatizamos que o projeto tem como objetivo "propor a construção de um espaço crítico-reflexivo, por estimular a consciência do leitor e atender à diversidade de ideias científicas e artísticas" (PPC, 2019, p.11)

Nesse documento, as literaturas foram dispostas a partir dos estudos da professora Regina Zilberman (2005) que orienta um currículo de literatura por temas, contextualizados e numa perspectiva de literatura comparada e, principalmente, que "não deseja perder de vista a perspectiva histórica, nem assumir posicionamento idealista diante da literatura" (2005, p. 235). A disposição e a criação de novas disciplinas, para atender falhas do antigo currículo e tornar mais completa a formação de professores da instituição, ficou constituída da seguintes maneira: Literatura I: viagem, natureza e novo mundo, Literatura II: campo, sertão e cidade, Literatura III: identidades e etnias, Literatura IV: gêneros e minorias, Literatura V: história e nacionalidade, Literatura VI: política e movimentos sociais e Literatura VII: memórias e subjetividades e Literatura Juvenil.

Além do tronco que abriga as literaturas como conteúdos básicos profissionais, outros componentes obrigatórios foram incluídos e/ou reestruturados; são eles: no campo das práticas temos a Prática de Letramento Digital e Ensino de Literatura e a Prática de leitura literária e escrita criativa; no campo das teorias a Literatura Comparada, Crítica literária, Teoria da Narrativa, Teoria da Poesia e Teoria do Drama. Por fim, há também um elenco de disciplinas optativas que abarcam um universo contemporâneo e de tradição que atendem uma formação mais ampla e alargada do

professor de literatura, entre elas a literatura infantil, que deixa de ser infanto-juvenil obrigatória e passa no novo currículo a tomar esse espaço.

Assim, institucionalizada e reconhecida, a disciplina de Literatura Juvenil foi integrada à grade curricular obrigatória do curso de Letras da UFPB, tendo como ementa: A literatura, o jovem e a sociedade. Origens da literatura juvenil no mundo e no Brasil. A produção contemporânea e a linguagem iconográfica. (PPC, 2019, p. 44); colocando fim, é o que se espera, pelo menos no contexto da Universidade, a marginalização dessa produção para jovens e adolescentes.

A disciplina de literatura juvenil no contexto da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A disciplina Literatura Juvenil foi ofertada no período de 2022.1, tendo encontros semanais, no Campus I sede da UFPB, em João Pessoa, mais especificamente no CCHLA – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes – e foi ministrada pela Professora Doutora Daniela Segabinazi. O objetivo da disciplina era discutir e analisar questões inerentes à juventude na produção literária contemporânea para o público juvenil. Nesse contexto, as principais temáticas abordadas no curso foram: a literatura, o jovem e a sociedade, as origens da Literatura Juvenil no mundo, no Brasil, os gêneros literários e a produção contemporânea.

Além do mais, outros pontos importantes que a disciplina buscou discutir foram, de acordo com o plano de curso:

> 1- Refletir sobre as relações entre juventude, sociedade e literatura; 2. Estudar as origens da literatura juvenil no mundo e no Brasil; 3. Analisar obras representativas da literatura juvenil, considerando as especificidades do/a leitor/a e do gênero; 4. Analisar a presença da linguagem iconográfica em obras literárias juvenis e demais tendências contemporâneas. (SEGABINAZI, 2022)

A partir do cronograma do plano de curso, a disciplina dividiu suas discussões por meio de temáticas, sendo a primeira delas: "Juventude: perspectivas sociais, culturais e psicológicas", tendo como base a leitura do livro *A adolescência*, de Contardo Calligaris (2000), em que foi discutido a gama no qual os jovens estão inseridos, nos processos sociais e comportamentais subjetivos. Ademais, buscou-se relacionar essa visão psicológica e social, com o gosto de leitura literária presente nesta comunidade tão diversa. Com uma visão primeira fundamentada sobre o que seria o jovem e a adolescência, os diálogos dos encontros semanais foram se aprofundando, dando início a uma nova jornada dentro desse mundo que é a literatura.

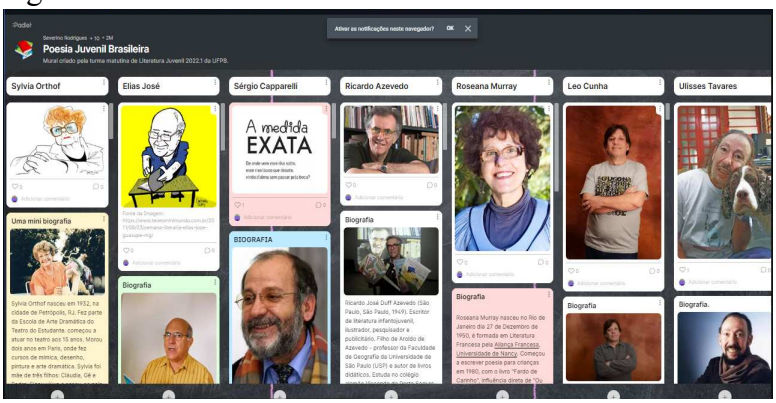
Já o segundo tópico discutido foi: "A literatura juvenil: um conceito e (des)construção", em que já podíamos adentrar no universo literário juvenil, através dos estudos sobre a formação do que era considerado um "subsistema literário" e como deu-se sua formação e sua consolidação. Como também, foi tratado as construções de sentido da literatura brasileira contemporânea para os jovens.

O encontro seguinte debruçou-se sobre a literatura juvenil e o mercado. Nesse ponto, debatemos em sala, mediante diálogos e leituras de textos, sobre como está a literatura juvenil no mercado editorial. Para tanto, começamos a conversar sobre a Literatura Juvenil e/ou *Young Adult,* e como leitoras, nossa confissão é de que essa diferenciação fora essencial para nós, visto que, segundo os autores Segabinazi e

Rodrigues (2021), a primeira corresponde a uma literatura mais escolarizada e didatizada, enquanto que a segunda corresponde a uma livre escolha do leitor, uma literatura mais editorial que busca suprir a demanda dos jovens.

Entre uma discussão teórica e outra, a turma era convocada às atividades: a primeira delas correspondeu a um trabalho escrito, em que os discentes descreviam o que haviam aprendido de todos os debates tidos em sala. Uma segunda prática, já apropriando-se de ferramentas digitais, foi realizada de maneira coletiva através do *site PadLet*[23]. A professora distribuiu nomes da poesia juvenil brasileira e cada aluno ficou responsável por trazer o máximo de informações possíveis sobre tais autoras e expor no mural digital; com a construção feita o resultado final foi debatido em sala de aula.

Figura 1 - Mural: Poesia Juvenil Brasileira



Fonte: *Padlet*

Essa atividade colocou em cerne o que Petit (2009) fala sobre como a leitura pode desenvolver sensações e emoções nos leitores quando eles são colocados frente ao acesso à literatura, isso porque, muitos estudantes não conheciam – ou conheciam pouco – a maioria dos autores citados e, ao entrarem em contato, desenvolveram um extremo afeto por seus versos.

Dando sequência às atividades desenvolvidas, já no início da disciplina, a professora nos comunicou da prática dos Círculos de Leitura, idealizados pelo professor Rildo Cosson em seu livro *Letramento Literário* (2014). Ela nos explicou, com base na metodologia criada por Cosson (2014), como funcionaria a dinâmica dos círculos. Segundo o autor, a prática é realizada de maneira coletiva, cada aluno, caso tenha acesso a obra escolhida, fará a leitura integral, além disso, para cada integrante – não sendo obrigatório todos – será destinada uma função, essas são utilizadas para fornecer direcionamento as discussões levantadas no momento da troca de experiências.

Nesse círculo em específico, a professora escolheu a obra, um clássico da literatura infantil e juvenil: *As aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi. No momento da

[23] Uma espécie de mural comunitário on-line

escolha, após a explicação da prática, a professora distribuiu as funções dos estudantes, sendo: conector – aquele que conecta passagens da obra com sua realidade –, questionador – constrói perguntas acerca da narrativa para discutir com os outros colegas –, pesquisador – realiza uma pesquisa sobre a obra e expõe aos demais – e perfilador – traça um perfil de alguns personagens. É importante ressaltar que não há somente essas funções na metodologia de Cosson (2014), porém essas foram as utilizadas a priori. Também é interessante enfatizar que nem todo círculo de leitura precisa abarcar todas as funções estabelecidas, isso, claro, fica a critério do mediador e dos participantes. Bem, voltando a experiência realizada, a prática do círculo de leitura surtiu efeitos positivos perante a turma, alguns relataram que nunca haviam participado de um encontro como aquele, em que sentar e discutir literatura fosse uma atividade tão prazerosa e significativa.

Outros afirmaram nunca terem lido a história do Pinóquio, mas sim assistido o que era convencionado pelas grandes emissoras de animações, mudando sua perspectiva diante da narrativa. Ainda escutamos relatos bem profundos acerca do caráter de Pinóquio, a posição da Fada Azul e de seu pai Gepeto. Por fim, alguns estudantes disseram, em vários momentos, se identificar com Pinóquio mediante algumas atitudes que ele tomava no decorrer da história. Em suma, tal encontro nos fez perceber como a partilha constrói diversos sentidos a um texto e como afirma Petit (2019) são nesses encontros de compartilhamento de leituras que muitos estudantes, não apropriados de um espaço pessoal e subjetivo, conseguem reconhecer conflitos, questões interiores e sociais, através de histórias e personagens.

Com a finalização do primeiro círculo, a professora pediu para que os alunos realizassem uma pesquisa sobre a "Coleção Vaga-Lume", elencando, dentre seus diversos títulos, alguns livros para a escolha da obra que seria discutida em um segundo Círculo de Leitura. Após alguns dias de estudo e pesquisa, em encontros posteriores, a obra selecionada foi *O escaravelho do diabo*, de Lúcia Machado de Almeida. Neste momento, também foram feitas as distribuições das funções, essas correspondendo às mesmas já mencionadas anteriormente, com a inserção do ilustrador – cuja função é ilustrar algum aspecto da narrativa e do sintetizador – este que resume toda a história.

Antes da realização do segundo círculo, a disciplina percorreu outros pontos importantes, como a contextualização das origens da literatura juvenil no mundo e no Brasil, uma abordagem histórica sobre a construção desse sistema literário no contexto global, entretanto, afunilando-se no brasileiro. Enveredando-se sobre os principais autores, obras e, sobretudo, tendências, essas denominadas de: Tendências da Literatura Juvenil Brasileira, sendo elas: Intertextualidade e metaficção na literatura juvenil; Narrativa psicológica e memória histórica; Utopia, distopia e ficção científica; Romance gráfico, mangás e HQs.

De acordo com o plano de curso da disciplina, cada vertente seria exposta em um seminário pelos estudantes, e assim aconteceu, em cada encontro semanal um grupo de alunos ficava responsável por uma tendência. O objetivo era trabalhar as características desta tendência mediante a escolha de uma obra literária que obtivesse aspectos correspondentes ao tema, entre as obras escolhidas temos: *Sapato de salto*, Lygia Bojunga; *Persépolis*, de Marjane Satrapi; *Dick Silva*, de Luís Dill, entre outros títulos. Importante dar ênfase ao fato de que essas tendências e seminários foram uma escolha recortada e que restringe um campo de estudo que é muito maior na produção literária mundial e nacional para jovens e adolescentes, mas no "meio do caminho" há

uma carga horária que limita e impõe escolhas, as quais sempre deixam fora do campo uma pluralidade, quantidade e diversidade de produções de grande qualidade.

O segundo círculo de leitura foi realizado conforme o previsto; as discussões giraram em torno da narrativa policial e de aventura protagonizando um assassino em série de uma pequena cidade, cujo os alvos eram todos os civis com o cabelo de coloração ruiva. Com a inserção das novas funções, os estudantes sentiram de maneira ampla como o círculo de leitura pode ser prático e proveitoso sendo uma ferramenta de letramento literário. Alguns questionamentos levantados na obra foram sobre a maestria da autora em criar uma trama muito bem interligada, com linguagem simples e que teve o poder de nos inserir na história como um dos investigadores tentando desvendar o mistério do temível assassino.

Na imagem a seguir podemos verificar a exposição da função do Ilustrador, realizada pela discente A, para os demais participantes; ela arquitetou uma espécie de mapa policial e saiu ligando as informações para descobrir o verdadeiro assassino no livro. Outros apontamentos foram sobre a própria série "Vaga-Lume" e seu impacto na disseminação das narrativas juvenis, na formação de leitores e no que Petit (2009) chama de recordação de leitura, visto que essas narrativas marcaram a vida de muitos leitores e são revisitadas até os dias atuais.

Figura 2 - Círculos de Leitura 2 - O Escaravelho do Diabo (função - ilustrador)



Fonte: Autoral 2022

Já chegando a sua finalização, a respeito das tendências da literatura juvenil, como dissermos, houveram apresentações de seminários; cada grupo ficou responsável por uma vertente da Literatura Juvenil para apresentá-la e relacioná-la a obra elencada. Assim, a cada semana os grupos iam se apresentando. Nesse meio tempo, o terceiro livro escolhido para o terceiro e último círculo de leitura foi decidido pelos estudantes, um romance contemporâneo do escritor Lucas Rocha, denominado *Você tem a vida inteira*. A obra trata de temas sensíveis, como a realidade de pessoas soropositivas, a comunidade LGBTQIAP+ e os conflitos internos presentes nos jovens com HIV e Aids e suas relações sociais.

O último círculo aconteceu no dia 08 de junho de 2022. Com a presença da professora e de toda a turma, na mesma dinâmica de distribuição de funções, conforme a metodologia do professor Rildo Cosson (2014). O encontro teve uma atmosfera de

sensibilidade, surpresa e utilidade pública acerca dos tratamentos e realidades das pessoas que convivem com HIV. Ressaltamos, que os três círculos objetivaram, além de uma prática de leitura da literatura, também o contato com obras representativas de épocas diferentes da produção para jovens e sua importância em cada momento histórico, assim como, realizar uma seleção de títulos em um pacto de indicação da professora e dos discentes.

As últimas atividades da disciplina, no que se refere ao campo teórico, foram discutir os tipos de leitores contemporâneos, espectadores e internautas. Isto é, o que esses leitores leem, onde leem, o porquê das escolhas e como funcionam suas recepções e contato com os livros. Finalmente, nos últimos encontros, foi entregue a última atividade do semestre, pedida e orientada logo no início do período letivo. A professora nos informou que uma das avaliações, e última, seria a produção e entrega de um diário de leitura. Nele, colocaríamos nossas impressões, emoções, questionamentos, dúvidas, sentidos, ou seja, toda uma gama de recepções provocadas pelas leituras. Ela ainda nos informou que a criação estética e criativa do diário ficaria a nosso critério, como podemos ver pela imagem 3.

Figura 3 - Diários de Leitura produzidos pelos estudantes.



Fonte: Fotos cedidas pela Professora. Daniela Segabinazi (2022)

A atividade, segundo os estudantes, foi apaziguadora, seria o que Petit (2019) fala sobre a leitura sem caráter utilitário, mas sim que provoca o devaneio, as emoções, as fantasias e ajuda o imaginário, que foi reprimido pelas demandas limitantes do

ensino, transbordarem sobre nossa psique, colocando em cena o poder da prática de ler o mundo.

Conclusão

Após todas as discussões apontadas, este trabalho buscou mediante um relato de experiência, discutir a importância dos estudos literários juvenis para formação de professores e a sua inserção nos currículos superiores de ensino no Brasil. Assim, fica claro que a partir desse estudo foi mostrado que é possível um ensino de novas vertentes literárias nos PPC's dessas instituições, como também, que se observa a efetivação da práxis do Projeto Político Pedagógico de Curso (PPC, 2019) da UFPB, pois os pensamentos da professora Regina Zilberman (2005), com base nos eixos temáticos literários somado a novas disciplinas com discussões a margem, ampliam o repertório teórico e literário do futuro professor, além de tornar a grade curricular mais diversa.

Outro fator resultante desses diálogos foi a melhora na aprendizagem dos tópicos relacionados ao ensino de literatura em sala de aula, estratégias de leitura e práticas de leitura literária. Nesse aspecto, houve também uma significativa construção da formação social e literária dos futuros docentes ao adotarem uma postura de professor-leitor, refletindo sobre o ato o hábito de leitura e o acesso a uma literatura juvenil, não só para os jovens, mas também para eles próprios.

Não menos importante, notou-se que o acesso aos conhecimentos sobre o processo de escolha dos livros literários pelos documentos oficiais e pela lógica de publicação editorial, forneceu aos graduandos um olhar mais crítico perante tais escolhas, pois nada é meramente posto no ambiente escolar e educacional. Por fim, a disciplina possibilitou o trânsito fluido com a literatura juvenil, por somente e plenamente curiosidade e afeto pela leitura, pelo hábito da fruição de ler, partindo do pressuposto que só se encanta pela literatura quando se permite mergulhar n(ela).

Esse estudo, portanto, visou entregar informações acerca da própria literatura juvenil – de um ponto de vista mais conceitual – até sua aplicação no ensino superior – observado na práxis – que é porque não, pode também participar de vivência do ensino básico, basta formamos professores qualificados e defensores de um ensino de literatura. Literatura dos/pra/sobre os jovens.

Referências

COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual.** São Paulo: Global, 2003.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

LUFT, G. "A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências". **Rev Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 36. Brasília, 2010, p. 111-130.

DIAS, E. da S.; CARVALHO, Diógenes B. A. A literatura juvenil contemporânea: breves considerações sobre a formação de um subsistema literário. **Revista Miscelânea**, Assis, v. 26, p. 257-269, jul.-dez. 2019. ISSN 1984-2899. Disponível em:

https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1461. Acesso em: fev. 2023.

RAMOS, A. M.; NAVAS, D. **Literatura juvenil dos dois lados do Atlântico**. São Paulo: EDUC, 2019.

CURSO DE GRADUAÇÃO PRESENCIAL EM LETRAS - LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA. **Projeto Político-Pedagógico de Curso**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

PETIT, M. **Ler o mundo: Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. São Paulo: Editora 34, 2019.

_____. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiv**a. São Paulo: Editora 34, 2009.
ZILBERMAN, Regina. A universidade brasileira e o ensino das literaturas de língua portuguesa. In BORDINI, Maria da Glória; REMÉDIOS, Maria Luiza e ZILBERMAN, Regina. **Crítica do tempo presente**. Porto Alegre: IEL; Nova Prova, 2005.